

cordancia generica entre o predicado *nominal* de certas phrases e o *sujeito*:

Cerveja não é bom para a saude — Pimenta é usado como estimulante — E' preciso cautela com semelhantes doutrinas (C. C. B., A filha do Dr. N., c. I. 27, ap. M. Barreto) — E' necessario uma licença para ella entrar (Id. A cav. do martyr, c. 13, 127) — E' necessario uma determinação invencivel (R. da S., A moc de D. J. V., t. III, 315).

Este phenomeno, como nos ensina K. Brugmann (Abr. de Gr. Comparée, p. 681) é aryano, ou das linguas indo-européas. E' elle observado tanto em grego como em latim: lat. *mors omnium rerum extremum*. Como se vê deste exemplo latino, o que em portuguez parece terminação masculina do adjectivo (*é preciso paciencia*), é realmente terminação neutra, e este adj. neutro transforma-se em substantivo, segundo Brugmann, e é empregado para indicar a categoria do conceito a que pertence o sujeito. Ao tractarmos mais adiante do genero do substantivo, daremos mais desenvolvimento a este ponto. (521, 4.º).

483. OUTROS TYPOS DE CONCORDANCIA. O verbo *parecer*, seguido de outro no infinito, dá logar a uma dupla syntaxe de concordancia: *elles parecem estar doentes* e *elles parece estarem doentes*; no 1.º caso o verbo é pessoal e concorda com o pronome ou substantivo, que faz de sujeito, tornando-se o verbo infinito um predicado verbal ou completivo subjectivo; no 2.º caso é elle unipessoal, tendo por sujeito a clausula ou o verbo infinito. O 1.º caso filia-se no lat. (*videris mihi esse doctus*).

Syntaxe identica observa-se com o verbo *ver* e *ouvir* em phrases analogas: *Viam-se vagar negros vultos* e *via-se vagarem negros vultos*, — *ouviam-se soar vozes medonhas* e *ouviam-se soarem vozes medonhas*.

Viam-se brilhar dous olhos reluzentes e desvairados, n'um rosto disforme (A. H., Bob. 31) — Um dia ao romper do sol *via-se* ao longe.. *resplandecerem* as cumiadas das montanhas (A. H., Eur. 84) — *Viam-se negrear* na sua cincta de estreitas cellas as vestiduras severas das monjas (A. H., Eur., 126) — Não é cousa de pasmar quando se ouvem *paltrar* burros (A. C., ap. M. Barreto, Noviss. Est. 223) — Ouviu-se, a exemplo d'elle, em seu vasconço, os cortesãos *rugirem* (F. Elys., ib.) — Sentiram-se então por toda a rua *abrir* portas e janellas, e soar vozes dos vizinhos (Souza, ib.) — Ouviam-se de noite umas vezes *soar* nella vozes medonhas e sentidas (Souza, ap. M. Barreto).

CAPITULO I

PERIODO GRAMMATICAL

484. O conceito de *periodo*, *proposição*, *oração*, *sentença*, bem como de *phrase* e *discurso*, é vago em grammatica.

A sua determinação e discriminação practica offerecem, por isso, serios embarços. Todos esses termos teem um conteúdo commum: são todos expressões verbaes do pensamento, e, digamo-lo mesmo, de pensamento completo.

A etymologia de cada um delles, nada nos diz que nos possa levar a determinar, com rigor, o seu valor significativo.

485. PERIODO (gr. *peri* = em torno, *odos* = caminho) dá-nos etymologicamente a idéa de um caminho ao redor de um pensamento, e, provavelmente por isso, é que Chassang, procurando interpretar a vaga idéa fornecida pelo etymo, desconhece o *periodo simples*, e define o periodo grammatical como "uma phrase composta de varios membros ou proposições, cuja reunião fórma um sentido completo".

486. PROPOSIÇÃO (lat. *pro* = deante, *positionem* = posição) traz-nos a idéa etymologica de alguma coisa que se põe deante do espirito para se analysar e discutir. E' termo importado da logica philosophica, e, ainda mal, como pondera Mason e Ayer, que se tenha importado com elle o seu valor philosophico, que não se ajusta ao conceito grammatical, como abaixo veremos.

ORAÇÃO (lat. *orationem*) transmite-nos apenas do latim a idéa de discurso — *oratio Ciceronis*, discurso de Cicero. E' usado na technologia grammatical como synonymo de proposição.

487. SENTENÇA (lat. *sententia* = decisão) apenas nos suggere, no seu uso grammatical, a idéa vaga de uma declaração. E' uma expressão ordinariamente empregada, no dominio da grammatica, como synonymo de proposição e oração.

488. Quanto á PHRASE (gr. *phrasis* = *dicção, elocução*), luctam os glottologos por lhe fixar o valor significativo, e esta incerteza reflecte-se naturalmente em toda a literatura grammatical.

489. Em relação a DISCURSO (lat. *discursus* = *conversa-ção, practica*), tão pouco podemos colher em seu etymo elementos para precisar o seu valor technico grammatical.

490. A difficuldade, porém, de se fixar, com rigor e precisão, o valor significativo desses termos, não está na impericia dos grammaticos, mas na propria natureza do objecto, que é a determinação dos diversos aspectos ou modalidades do pensamento estampado na phrase. Ora, o pensamento, na incessante actividade do espirito, é vário, movel, irrequieto, como as ondas do mar. Photographá-lo, pois, na palavra é necessariamente tirar d'elle uma imagem indistincta, nebulosa, embaçada. Demais, são estreitos os moldes da linguagem humana para conter o impeto e a amplitude do pensamento. Força, pois, nos é contentar-nos com definições approximadas, e aceitar o *usus loquendi*, procurando apenas evitar desnecessarias confusões.

CAPITULO II

DEFINIÇÕES E DISCUSSÃO

491. DEFINIÇÕES. E. DISCUSSÃO. Desses diversos aspectos da expressão verbal do pensamento, daremos em seguida definições, mencionando as difficuldades acerca de cada uma dellas.

492. PERIODO GRAMMATICAL é a expressão de um pensamento completo, considerada como o *continente* das proposições. Se o conteúdo do periodo é uma proposição simples, o periodo é *simples*; se é composta, o periodo é *composto*; se complexa, é *complexo*. EXS.:

a) **Periodo simples** : Pela bocca se aquece o forno.

b) **Periodo composto** : Morrem barbas, apparecem cartas.

- c) **Periodo complexo** : Quando vires arder as barbas do teu visinho, deita as tuas em remolho.
- d) **Periodo composto e complexo** : Quem bem está e mal escolhe, por mal que lhe venha, não se anoje

Como se vê, cada uma dessas designações se applica igualmente á proposição, e muitos grammaticos deixam de mencionar, por inutil, o periodo grammatical. Todavia, ha vantagem, para clareza na exposição dos factos grammaticaes, de conservarmos tal denominação, pois ella nos apresenta um aspecto particular da phrase, uma secção especifica do discurso.

Porém, a delimitação dessa secção especifica no seio do discurso é vária, não só quanto ás épocas da lingua, senão tambem quanto aos escriptores ou oradores. Em nossos classicos antigos são geralmente longos e cheios de circumstancias os periodos grammaticaes; modernamente são mais curtos ou breves, e a sua extensão maior ou menor depende do estylo do escriptor.

Materialmente, sua divisão no seio do discurso se faz por uma pausa mais longa na linguagem fallada, e, na escripta, pelo *ponto-final*, e, ás vezes, pelo *ponto-de-interrogação* ou *exclamação*.

Syntacticamente não se póde estabelecer regra segura, senão apenas dizer que não se separam em periodos diversos proposições, que exprimem pensamentos intimamente relacionados, ou que reciprocamente se reclamam, maximamente as proposições subordinadas em relação ás principaes. Assim, embora independentes, não se podiam constituir em periodos grammaticaes distinctos as seguintes proposições:

Vim, vi, venci — Come caldo, vive em alto, anda quente, viverás longamente — O mundo moderno depende do Calvario ; a sua origem foi na raiz da cruz ; mais tarde ou mais cedo os povos, que se formaram, vieram ali fundir-se e regenerar-se (R. da S.).

Estas noções comesinhas não as possuíam, em geral, os nossos classicos quinhentistas, pois encontramos em alguns delles, a miudo, divisões absurdas deante de nossa actual concepção do periodo grammatical.

493. PROPOSIÇÃO, ORAÇÃO OU SENTENÇA, é a expressão de

um pensamento, a enunciação de um factó, cujo sentido é ou não completo, (conforme for a proposição independente ou subordinada, total ou parcial). Em outros termos, proposição é uma ou mais palavras que contem uma declaração qualquer.

494. A definição, geralmente adoptada pelos nossos grammaticos, de que — *a proposição é um enunciado do juízo*, é tomada á logica escolastica, e justamente criticada por C. Ayer, como defeituosa por deficiente. De factó essa definição philosophica não se ajusta ao conceito grammatical, porquanto muitas proposições grammaticaes existem que não são propriamente a enunciação de um juízo, p. ex.: as *imperativas* (*trabalhae*), as *optativas* (*seja feliz*), e as *subordinadas* (*desejo — que elle vá*). Tal definição, pois, encerra uma confusão mui frequente entre a logica philosophica e a syntaxe grammatical. A logica da lingua, como pondera Bréal, não é propriamente a da philosophia.

495. Clareado este ponto, ficam ainda de pé certas difficuldades analyticas quanto á discriminação das orações no periodo, quanto a saber-se até que ponto a palavra isolada ou agrupada constitue propriamente uma oração.

Ha, por certo, um criterio geralmente adoptado — a existencia dos termos, chamados por isso essenciaes, *sujeito e predicado*. Porém, este criterio não resolve, em absoluto, o problema, pelas seguintes razões:

a) Em primeiro logar, as fórmãs nominaes dos verbos pelo seu character duplo de nomes e de verbos, trazem duvidas na discriminação analytica das orações, p. ex.: *posso estudar, devo ir, acertamos de chegar, estão trabalhando, estive a fallar; tendo o orador acabado o discurso, desceu da tribuna; Cesar, passando o Rubicon, marchou sobre Roma*. Existem nessas phrases uma ou duas orações? As opiniões por vezes divergem: a analyse vacilla.

b) Em segundo logar, negam muitos ás orações dos verbos impessoaes (*chove, troveja, amanhece*) a existencia de qualquer sujeito; são orações *sem sujeito*, são factos em si completos, que não reclamam agente. E os que assim opinam são, muitas vezes, auctoridades na materia.

Porém, com a mesma razão e identicos raciocinios poderiamos negar que o predicado fosse, em absoluto, elemento essencial, pois que existem muitas orações *sem predicado*. Quem ousa, por exemplo, desconhecer que no parallelismo de nossos proverbios, nas expressões syntheticas de nossos anexins, a ausencia do verbo não impede que haja nelles uma *declaração formal*, que é, em ultima analyse, a essencia de uma proposição grammatical? Exs.:

Muito riso, pouco siso — Nem tanto ao mar, nem tanto a terra —
Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso — Do bom tudo, do ruim nada — A cavallo roedor, cabresto curto.

Independentemente das phrases proverbias, a lingua se presta a estas construcções de *predicado latente ou indeterminado*. Exs.:

Vós por outrem, e eu por vós.
Vós contente, e eu penado;
Vós casada, e eu cansado,
Polos santos de minha dona. (C., Ohrs. 3. 65).

No mar tanta tormenta, e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra e tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida! (C.)

Discursos inteiros se teem composto sem a presença de um só verbo ou predicado. Sirvam de exemplo os primeiros periodos de um engenhoso discurso, feito neste proposito, pelo illustre bispo do Pará, D. Antonio Macedo Costa:

“Primeira regra de estylo, uma das principaes e por ventura mais esquecida de todas: naturalidade, por opposição a affectações ridiculas.

Quanto auctor no galarim da fama, réo deste grande delicto; e quantos oradores, aliás dignos de encomios pelos dotes singulares de seus engenhos e imaginação, responsaveis, perante a critica sisuda, por falta de uma nobre simplicidade no estylo e boleio de suas phrases?

Muita attenção, orador noviço, para este ponto capital.

Nada de ornatos superfluos, nada de epithetos tão frequentes, apegados, como parasitas, a cada palavra; miseravel ouropel, por cima de pensamentos muitas vezes ôcos e sem solidez alguma, só para engano da vista de espiritos superficiaes ou de mau gosto.

Um brilho phosphorescente, e um deslumbramento passageiro, como de um fogo de artificio, tal o unico merito desses campanudos oraculos do pulpito christão...”

Destes phenomenos da lingua concluimos que não existe um criterio seguro, uma regra uniforme para a divisão das orações no seio do periodo, assim como nos fallece o mesmo elemento para a divisão dos periodos no seio do discurso (Vide *Gr. Expos., C. Superior*, sobre o periodo grammatical, p. 267).

496. PHRASE é a expressão do pensamento em sua generalidade, sem qualquer limitação de sentido completo ou incompleto; vae desde os grupos logicos de expressão até o agrupamento das proposições no periodo grammatical.

Este é o sentido mais commumente recebido no dominio da grammatica.

497. DISCURSO é, na esphera grammatical, a expressão ampla e total do pensamento, que encerra as expressões contidas nos periodos.

CAPITULO III

PERIODO COMPOSTO E CÔMPLEXO

498. AS PROPOSIÇÕES, no seio do periodo composto e complexo, formam agrupamentos logicos de *coordenação* e *subordinação*, semelhantes aos termos logicos (*sujeito*, *predicado* e *complemento*), no seio da propria proposição. Ellas, portanto, representam, *mutatis mutandis*, o mesmo papel syntactico com relação umas ás outras, que os seus respectivos membros em suas correlações, e deste modo se caracterizam quanto a suas funções, como abaixo veremos.

499. Como os seus membros, ellas ainda se coordenam e subordinam:

a) A *coordenação* das proposições opera-se do mesmo modo que a de seus membros, *syndetica* e *asyndeticamente*, segundo se acha expresso ou não o connectivo, isto é, a conjuncção, p. ex.: *vim, vi e venci — desejo que estudes, aprendas e sejas feliz*. Nestes dois exemplos a segunda se coordena *asyndeticamente* á primeira, e a terceira *syndeticamente* á segunda.

b) A *subordinação* opera-se, em geral, por meio de particulas especiaes, que são as *conjuncções subordinativas*, e os *adverbios*, *pronomes* e *adjectivos* chamados *conjunctivos*, pela funcção especial de conjunctar proposições, p. ex.: quero *que vás*, dize-me *quando vens*, sei *onde estás*, sempre apprende o menino *que estuda*, não conheço o assumpto *do qual tractas*.

A *subordinação* dos membros da proposição isto é, dos nomes que se acham em relação complementar, opera-se por meio das *preposições*, salvo o caso do objecto-directo; e, como as fórmulas do infinito, são *nominaes*, segue-se que as *orações infinitivas* podem ser subordinadas por meio de *preposição*, p. ex.: *Educa teus filhos para serem felizes* — *Em amanhecendo o dia, levanta-te*.

CAPITULO IV

CLASSIFICAÇÃO DAS PROPOSIÇÕES

500. As proposições do periodo grammatical, dividem-se, quanto a suas funcções, em *independentes*, *principaes* e *subordinadas*.

I. INDEPENDENTES.

501. *Independentes* são as que, ou isoladas no periodo simples, ou coordenadas no composto, exprimem pensamento em si completo, embora possa haver, muitas vezes, no conjuncto da phrase, certa relação ou dependencia logica, como se póde ver nas seguintes orações coordenadas: *vim, vi, venci* — *estudou, logo sabe*. A independencia grammatical, porém, de orações coordenadas, se caracteriza pela *juxtaposição* ou *collateralidade* da proposição (*asyndeton*), como em — *vim, vi, venci* — *veni, vidi, vici*, ou pelas *conjuncções coordenativas* (*syndeton*), como em — *eu entrei e elle sahio, ou elle vem ou elle vae*.

Ha trez casos especiaes das orações independentes, que mostram frisantemente a differença que ha, amiudadas vezes, entre as relações logicas e as relações syntacticas, entre a logica e a grammatica.

1.º O primeiro caso dá-se nas citações: *Elle declarou: "Estou prompto"*, e — *Elle declarou que estava prompto*. É evidente que o sentido das duas phrases é o mesmo, e que as relações logicas do duplo pensamento nellas contido são as mesmas. Syntacticamente, porém, temos uma *coordenação* na primeira phrase, e uma *subordinação* na segunda, por intermedio da subordinativa *que*. Na primeira phrase temos um periodo *composto*, e na segunda um periodo *complexo*.

2.º O segundo caso, semelhante a este, dá-se com as orações *intercaladas*: — *Faça, disse elle, este favor*. Esta phrase se reduz á primeira do paragrapho anterior — *Disse elle: "Faça este favor"*. Logo temos ahí um periodo composto com duas orações independentes.

3.º O terceiro caso realiza-se com certas orações em *apposição*, introduzidas pelo relativo composto (*o que*), p. ex.: *Elle portou-se mal, o que muito me entristeceu*. Considera Mason a segunda oração (*o que muito me entristeceu*) como uma independente coordenada pelo *o que = e isto*; discorda Ayer desta analyse, classificando-a de subordinada *relativa indirecta*. O que parece claro é que realmente aquelle *que (o que)* é um pronome relativo neutro, que tem por antecedente o pronome demonstrativo neutro — *o*, o qual se acha em apposição á oração antecedente, e se refere a todo o seu sentido. Levada a analyse a estes termos, e separados os dois elementos — *o* e *que*, a oração (*que muito me entristeceu*) apresenta-se com um caracter franco de *subordinada relativa*. Tomados os dois elementos conjunctamente, a *coordenação* da segunda proposição se offerece ao espirito pela equivalencia, no caso presente, de *o que = isto*. Todavia, parece-nos que o grammatico suiso, em sua analyse, cinge-se com mais rigor aos processos syntacticos da lingua, do que Mason.

II. PRINCIPAES.

502. As orações independentes, de que tractámos no paragrapho antecedente, assumem duas fórmulas, — uma *simples* e outra *complexa*.

a) A independente simples é aquella em que existe um só verbo ou predicado, como: — *O habito não faz o monge.*

b) A independente *complexa* é a que tem mais de um verbo ou predicado, e, conseguintemente, é constituída por um agrupamento de orações, de modo tal que uma tenha o sentido principal, e a outra ou outras, um sentido secundario, subordinado áquelle, p. ex.: *Peço-te que venbas e me soccorras.* — *Eu sabia, quando elle chegava,* etc. — *Peço-te, eu sabia,* teem o sentido principal, e, por isso, são chamadas *orações principaes*; *que venbas e me soccorras, quando elle chegou,* teem sentido secundario, e são ligadas á principal por particulas subordinativas — *que* e *quando* sendo, por isso, chamadas *orações subordinadas, secundarias ou dependentes.*

Succede frequentemente que uma subordinada tem outra subordinada sob sua dependencia, p. ex.: *Peço-te que venbas, logo que pudes.* *Logo que pudes* — está subordinada, por meio da conjuncção subordinativa — *logo que,* á proposição antecedente — *que venbas,* e esta, por sua vez, está subordinada á principal, por meio da conjuncção subordinativa — *que.* E assim se poderão agrupar muitas orações subordinadas. Aquellas a que estas se subordinam, dizem-se *subordinantes*: a *principal* é a primeira subordinante.

A oração *complexa,* portanto, é uma oração *total* independente, constituída por orações *parciaes* ou *clausulas,* sendo uma principal e as outras subordinadas. A principal, porém, é evidente, não tem em si sentido cabal ou independente, este sentido se acha no todo complexo.

A oração complexa, que fórma um todo independente, póde coordenar-se syndetica e asyndeticamente com outra independente no periodo composto. A *coordenação* póde ainda dar-se com as principaes entre si, quando teem subordinada commum (*quero e ordeno que estudes*), ou com as subordinadas entre si (*quero que estudes e sejas feliz*).

III. SUBORDINADAS.

503. As *subordinadas* são orações *parciaes* ou *clausulas* subordinadas, que desempenham, no seio da oração *total*

ou *complexa*, o papel de *sujeito*, *predicado* e *complemento*. E como o *substantivo*, o *adjectivo* e o *adverbio*, ou seus equivalentes, são os que exercem essas funcções no seio da proposição simples, segue-se que as subordinadas são na oração *total* equivalentes a um *substantivo*, *adjectivo* ou *adverbio*. Dahi a sua classificação fundamental em trez especies ou clausulas: *substantiva*, *adjectiva* e *adverbial*.

1.º CLAUSULA SUBSTANTIVA é a que, equivalendo a um substantivo, exerce na oração total ou complexa a funcção syntactica desta categoria grammatical, isto é, de — *sujeito*, *predicado* e *complemento objectivo*, *terminativo* e *attributivo*. Donde a sua subdivisão em — *subjectiva*, *predicativa*, *objectiva*, *terminativa* e *attributiva*.

a) CLAUSULA SUBSTANTIVA SUBJECTIVA: Convem que estudes — E' necessario que trabalhes — E' incerto quando virá — E' verdade que elle está muito mudado — Parece que vai chover — E' preciso ter paciencia — Custa crer — Convem saber — Parecia serem felizes.

Obs. O velho portuguez, como já temos visto, regia alguns desses sujeitos oracionaes do infinitivo com a preposição DE ou A, e alguns escriptores modernos ainda seguem esta regencia antigrammatical, como vimos, tractando da regencia. — Cumpre ainda observar que em muitas orações do verbo *ser* dá-se perfeita equivalencia entre o *sujeito* e o *predicado*, p. ex.: *A riqueza de um paiz é a uberdade do solo = a uberdade do solo é a riqueza de um paiz.*

b) CLAUSULA SUBSTANTIVA PREDICATIVA: Educar é lançar no espirito a semente do bem — Elles parecem que estão doentes.

Obs. Como se vê, a oração predicativa não faz de *predicado grammatical*, mas de *nominal (oracional)*, e é *substantiva* e não *adjectiva*, porque o presente do infinitivo tem o valor de um nome substantivo e não de *adjectivo*.

c) CLAUSULA SUBSTANTIVA OBJECTIVA: Quero que estudes — Não sei quando virá — Pergunto se sabem a lição — Indaga como vai elle — Creio ir elle bem — Julgo estarem estudando — Affirmam correrem boatos desagradaveis — Tenho medo que elle venha — Estou com esperanca que tudo vá bem — Elle é de opiniao que fiques.

Obs. São estas proposições tambem chamadas *completivas* ou *integrantes*, pois que ellas vem completar ou inteirar o sentido do verbo transitivo. Divide Bourciez em trez classes os verbos que em latim se fazem seguir dessas proposições: 1.ª v. *intellectivos* = *dizer*, *crer*, *saber*, *julgar* (*dico*, *credo*, *scio*, *puto*); 2.ª v. *affectivos* = *aleggar-se*, *sentir*, *admirar* (*gaudeo*, *doleo*, *miror*); 3.ª v. *volitivos* = *querer*, *rogar*, *ordenar*

(*volo, rogo, jubeo*). Todos esses verbos no latim classico podiam ser acompanhados de um infinitivo, que tivesse por sujeito um accusativo, que originalmente se relaciona como objecto directo do verbo principal: *Credo terram esse rotundam* = creio a terra ser redonda (creio ser redonda a terra). Já nesse periodo classico se construíam os v. *affectivos* com a particula *quod*, que indicava a causa (*gaudo quod valeo*); os verbos *volitivos* com *ut, ne, quominus* (*volo ut mihi respondeas* ou *volo mihi respondeas*). A grande mudança, como observou o mesmo auctor, no phrasear do povo, deu-se com os v. *intellectivos*, pela substituição da proposição infinita por uma outra do modo finito introduzida pelo conjunctivo *que (quod)*, dando assim mais relevo á expressão (*credo quod terra est rotunda* = creio que a terra é redonda). Estudaremos este phenomeno, quando, mais adiante, tractarmos da evolução das proposições.

d) CLAUSULA SUBSTANTIVA TERMINATIVA: Elle se dispõe a trabalhar — Preciso de que venhas — Tenho precisão de que me procures — Estou com a esperança de que tudo vá bem.

e) CLAUSULA SUBSTANTIVA ATTRIBUTIVA: Compre pó de limpar dentes — Conheço á agulha de marcar — E' elle homem de causar medo.

2.º CLAUSULA ADJECTIVA é a que, equivalendo a um adjectivo qualificativo, exerce a funcção syntactica desta categoria, isto é, de *attributo*, em relação a um substantivo ou pronome da oração subordinante. E' ella sempre ligada a esse termo *antecedente*, pelo pronome ou adjectivo conjunctivos, regidos ou não de preposição. Exs.:

Guarda-te d'homem que não falla, e de cão que não ladra — Não é pobre o que tem pouco, senão o que cobiça muito — Quem me quer bem, diz-me o que sabe e dá-me o que tem.

3.º CLAUSULA ADVERBIAL ou *circumstancial* é a que, valendo por um adverbio, exerce a funcção syntactica dessa categoria grammatical, isto é, a de complemento circumstancial de algum termo da clausula subordinante. E como são varias as circumstancias expressas pelos adverbios nas orações simples, assim são igualmente as circumstancias expressas pelas clausulas adverbias na oração complexa. Ellas se dividem, pois, em tantas classes quantas forem essas circumstancias, e se ligam ao termo modificado da clausula subordinante por *conjuncções subordinativas* e *particulas* equivalentes (pron., adj. e adv. conjunctivos), e, quando infinitivas, por preposição adequada.

a) CLAUSULA ADVERBIAL TEMPORAL: Quando os doentes bradam, os physicos ganham.

b) CLAUSULA ADVERBIAL LOCAL: *Onde força não ha, direito se perde.*

c) CLAUSULA ADVERBIAL CONDICIONAL: *Se queres ser bom juiz, ouve o que cada um diz.*

d) CLAUSULA ADVERBIAL CONCESSIVA: *Ainda que sou tosca, bem vejo a moesa.*

e) CLAUSULA ADVERBIAL CAUSAL: *Não digas mal d'el-Rey, nem entre dentes, porque em toda parte tem parentes.*

f) CLAUSULA ADVERBIAL FINAL: *Anda o homem a trote, por ganhar capote.*

g) CLAUSULA ADVERBIAL MODAL: *Como me cresceram favores, me cresceram as dores.*

CAPITULO V

DESENVOLVIMENTO HISTORICO DE ALGUMAS PROPOSIÇÕES

504. As orações subordinadas do infinito, com sujeito no accusativo, subjectivas e objectivas, do latim classico, como *Phædrum servum fuisse dicitur* = *conta-se ter sido Phedro escravo*, e *Democritus dicit innumerabiles esse mundos* = *Democrito diz serem innumeraveis os mundos*, guardaram em portuguez este typo, e desenvolveram um outro do modo finito com a conjuncção *que*: *Conta-se que Phedro foi escravo* — *Democrito diz que são innumeraveis os mundos*.

O desenvolvimento desse typo conjuncional prende-se á b. latinidade, por influencia da Vulgata, segundo Diez. Nesse periodo apparecem taes orações ligadas pelas conjuncções — *quod, quia, quoniam*.

A Vulgata, que contem a traducção em latim do Novo Testamento grego, effectuada por S. Jeronymo no sec. IV da E. C., recebeu neste ponto influxo do original grego, onde, segundo o auctor supracitado, o accusativo com o infinitivo é já raro, sendo substituido pela particula connectiva $\delta\tau\iota$ = *quod*. Lê-se na Vulgata, p. ex.: *audiret quod regnabat* = *ouvira que reinava* ($\delta\tau\iota$ βασιλευει); *cæpit dicere ad illos quid hodie impleta este hæc scriptura* = *começou a dizer-*

...es que hoje se cumprira esta escriptura, — viderat quoniam illusus esset = *vira que estava enganado*. Nestas phrases o *quid* e *quoniam* latinos são traducções do $\delta\tau\iota$ grego.

Este processo, accrescenta o illustre romanista citado, communicado ao latim, já se observa empregado com frequencia em escriptores como Petronio (*scio quod, vides quod, dico quod*), e nos mais antigos documentos. E', pois, uni processo da baixa latinidade, que tem suas raizes na linguagem popular. A conversão da oração infinitiva em conjuncional deveu produzir-se mui facilmente em virtude da tendencia geral de decompor as expressões simples ou syntheticas em locuções periphrasticas ou analyticas (Gr. de L. Rom. III. 915). A partir de Cicerò, como nos ensina Bourciez, era já frequente tal transformação em auctores tachados de vulgarismo: *Renuntiaverunt quod Pompeium in potesta te haberent* (Bell. Hisp. 36, ap. B).

505. Evolvida a proposição infinitiva latina em conjuncional, prôduziu-se, com certos verbos, uma construcção anômala, que consiste, segundo A. Tobler, na fusão entre uma oração *substantiva* e uma *adjectiva*, p. ex.: *São estas as leis — que elle ordenou — que fossem promulgadas*. A oração *substantiva* objectiva — *que fossem promulgadas* funde-se; de certo modo, com a *relativa* ou *objectiva* — *que elle ordenou*, cujo pronome relativo *que* é o *que logicamente* a introduz como seu connectivo e sujeito. O *que* da oração objectiva, que ahi apparece, é uma conjuncção, resultante de se haver convertido a oração infinitiva latina em conjuncional, o que não impede a anomalia desse typo phraseologico, no qual o pronome relativo introduz de facto duas orações (cf. *são estas as leis que elle ordenou serem promulgadas*). Felizmente a lingua facil e frequentemente se desembaraça pela ellipse dessa conjuncção, que já de si fraca, o é ainda mais pela dupla funcção que *evoca* o pron. relativo: *são estas as leis que ordenou fossem promulgadas*.

506. As orações infinitivas não podem, em regra, ser ligadas á sua subordinante por conjuncção subordinativa, adverbio ou pronome conjunctivo, visto serem constituídas

por fórmãs nominaes do verbo, equivalentes ao nome substantivo, e, portanto, só admittirem a regencia de preposições, particulas destinadas a reger o substantivo, v. gr.: *estuda para apprender, acabou de estudar a lição.*

Entretanto, apparecem certas orações infinitivas ligadas por conjuncções subordinativas, adverbios e pronomes conjunctivos (*que, quando, como, onde*): *não sei que dizer, tenho que fazer, guarda que comer, não guardes que fazer, ignoro por que estudar tanto, pergunto para que tanto afastigar-me, não sei quando partir, sei como principiar, ignoro onde encontrá-lo.* Desfazem alguns esta anomalia grammatical suppondo uma dupla ellipse — de um termo antes da particula subordinativa, e do verbo *poder* ou *dever* depois no modo finito: *não sei coisa que deva dizer, tenho coisa que possa fazer, guarda o que comer, não guardes o que fazer, ignoro a causa por que deva tanto estudar, não sei o tempo quando possa partir, sei o modo como devo principiar, ignoro o lugar onde posso encontrá-lo.* Deste modo fica tudo normalizado. Porém, tal analyse inventada *ad hoc* não resolve historicamente o problema. A solução no-la dá Bourciez por um *cruzamento* syntactico entre a phrase latina *nescio quid dicam* (*não sei que diga*) mentalmente approximada de outra phrase latina *nescio dicere* (*não sei dizer*), resultando da fusão um typo syntactico novo **nescio quid dicere* (*não sei que dizer*). O *que* dessas phrases é, pois, historicamente o pronome interrogativo (*quid*), que apparece na interrogação indirecta — *não sei que dizer* (*nescio quid dicere*). Estabelecido o novo typo phraseologico na interrogação indirecta, diffundiou-se promptamente para as outras expressões (*tenho que fazer*), comprehendendo alguns adverbios conjunctivos (*sei quando, como e onde principiar*).

507. As proposições interrogativas indirectas apresentam-se sempre no periodo com sua subordinante expressa: *Dize-me se tu és romano* (*dic mihi si tu romanus est*). O mesmo, porém, não acontece com a interrogativa directa (*Que fazer? quem está ahí? onde está elle?*) E para termos clara a subordinante torna-se mister convertê-la em indirecta — *dize-me ou pergunto quem está ahí.* Segue-se

que a interrogativa directa tem o character grammatical de independente no periodo.

Entre estas desenvolveu-se uma interrogativa directa dubitativa, que, se bem que rara, se encontra em alguns escriptores, e tem o seu typo no lat., p. ex.:

Se todos os homens serão assim? (G. Viag. 2.286) — Se viverá (o odio) além do tumulo? (R. da S., Od. Velh. III, 88) — Si ergo viderites Filium hominis ascendentem ubi erat prius? (Vulg. J. 6. 63). Sicut iuravi in ira mea: Si introibunt in requiem meam.

508. A *clausula adverbial condicional* subordina-se, em regra, á *clausula principal hypothetica* pela conjuncção *se*, e de ordinario a ella precede: *se elle se movesse, morreria*. Em relação ao modo de se relacionarem, estas clausulas offerecem trez typos logicamente equivalentes.

1.º O primeiro typo é o regular, em que apparece a subordinativa condicional *se*, podendo a correlação dos tempos aßsumir varios aspectos:

Se a vira, não o mataram (C.), se a visse, não o matariam; se a tivesse visto, não o teriam matado; se a vir, não o matarão; se a vê, não o matam.

2.º No segundo typo a subordinação se faz pela mera posição das orações:

Houvera elle lido os modelos da antiguidade, fora mais correcto (ap. Diez); houvesse elle lido os modelos da antiguidade, teria sido mais correcto; lesse elle os modelos da antiguidade, seria mais correcto.

3.º O terceiro typo apresenta um certo character de anormalidade pelo apparecimento da coordenativa *e*, introduzindo a *clausula hypothetica*: *Lesse elle os modelos da antiguidade, e seria mais correcto*. A presença da conjuncção coordenativa embora não destrua a subordinação logica da *clausula condicional*, tira-lhe, todavia, o character de subordinação grammatical, impossibilitando o apparecimento da conjuncção subordinativa *se*.

Se houveras estado aqui, não morrera meu irmão (A. P., Joa. XI, 21) — si fuisses hic, frater meus non fuisset mortuus) — Se este não fóra criminoso, não t'õ entregaramos nós (Id., ib. XVIII 30) — (si non esset hic malefactor, non tibi tradidissemus eum) — Fosse articulada por outrem, e a consciencia do magistrado... hesitaria em rejeitar — (Ruy Barbosa, C. á Nação) — Não fosse a minha campanha destes quatro annos contra ella, e... o que me estaria acontecendo era não poder conciliar o somno com as serenatas desta tuna (Ib.) — Chamasse-lhe eu poeta, e logo a tinha immensa (A. C., O Mis. 38).

Nota. Quando estudarmos as conjunções subordinativas, examinaremos mais algumas clausulas subordinadas.

SYNTAXE HISTORICA DAS PALAVRAS VARIAVEIS E INVARIAVEIS

CAPITULO I

SUBSTANTIVO

509. O SUBSTANTIVO que é a primeira na ordem das categorias grammaticaes, origina-se da generalização dos attributos dos seres. A noção do appellativo não é mais do que a reunião mental de certas qualidades apprehendidas pelos nossos sentidos, e applicadas a todos os seres de uma classe. Fallece-nos, como já o dissemos, meios intellectuaes para apprehendermos directamente o *substratum* ou a substancia dos seres, e só os conhecemos pelas suas qualidades ou attributos phenomenaes. Póde, pois, o substantivo ser concebido como a synthese das qualidades sensiveis, que determinam a sua *comprehensão*. Uma dessas propriedades ou qualidades sensiveis mais proeminente e caracteristica, terá sido o ponto de partida ou a origem dos nomes substantivos com que designamos hoje as diversas classes de seres, que conhecemos. Assim, p. ex., *terra* (por **tersa*) é, segundo Bréal, o feminino de um antigo adjectivo, e significa literalmente — *o secco (la sèche)*; é, pois, a qualidade proeminente que contrastava este elemento com o outro donde surgia — *o mar*. Por sua vez *mar*, segundo Corssen e Curtius, vem do sânskrito *maru*, que significa — *o deserto, o elemento morto, esteril* (E. Littré). Igualmente *oceano* tem origem adjectiva, é de origem vedica, e significa originariamente *o que rodeia (entourant, enserrant)*, como ensina Littré. Deste valor adjectivo dá ainda testemunho o v. port.:

Em todo o mar oceano occidental está nossa Europa (Barros, Dec. 1. 3) — Valor este que lhe veio do latim: *Cum legione setpima proximus mare Oceanum in Andibus hiemaret* (Caes., D. B. C. 3. 72).

510. Do que ficou dicto, conclue-se, como pondera Dar-

mesteter, que a differença entre o substantivo e o adjectivo não é absoluta, e tanto assim é que os grammaticos romanos constituíam de ambos uma só categoria — o nome (*nomem substantivum et nomen adjectivum*). Este character attributivo inicial do substantivo torna-se proeminente nos substantivos *abstractos* (*brancura, belleza, rapidez*), que logicamente outra coisa não são que adjectivos em fôrma de substantivo, isto é, qualidades abstrahidas dos seres, e consideradas mentalmente em separado. A propria formação de muitas dessas palavras já o estão indicando: *branco + ura, bello + eza, rapido + ez*.

Este facto fundamental determina uma consequencia syntactica, que é exercer na phrase frequentemente o substantivo a funcção de um adjectivo e, vice-versa, bastando, muitas vezes, para isso a mera posição da palavra nos grupos logicos de expressão, como: — *guerreiro moço* e *moço guerreiro, rei propheta* e *propheta rei, menino prodigio, arvore gigante, homens troncos*. O substantivo posposto nesses grupos assume o character de adjectivo. A este processo de adjectivação do substantivo não era extranho o latim:

Vitrix legio, exercitus victor (T. Liv.), *tirones milites, motus artifex* (Quintiliano), *turba incola* (Ovid.).

O mesmo acontece com o substantivo quando occupa o logar de predicado nominal: *elle é JUIZ e tornou-se VERDUGO, mona de seda, MONA se quêda, elle parece HOMEM e é MONSTRO, isto é VERDADE, FORÇA é crer*. Como se vê, a adjectivação do substantivo opera-se pela *apposição* e pela *predicação* nos grupos e phrases nominaes.

Por sua vez o adjectivo substantiva-se facilmente, bastando para isso precedê-lo de um determinativo ou collocá-lo no logar do sujeito: *o pobre, este sabio, alguns poderosos, muitos ricos, justo que não practica justiça, é hypocrita*.

Tal é, ás vezes, a affinidade ideologica entre estas duas categorias, que muitos collocam francamente certos substantivos appellativos, chamados *moraes*, entre os adjectivos, taes como — *juiz, amador, moço, philosopho, guerreiro*.

Os Magos reis vieram e reis tornaram (A. V., S. 2. 121) — O vento era galerno e o mar bonança (Ib. 35) — Dizem que é como a ave phenix que nasceu de nossos avós não saberem grego (G., V. Terr. 1. 78) — Ha-

viam de achar homens homens, haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras (A. V., S. 1. 251) — A fortuna lhe sorria menos madrasta (L. C., C. 243).

Quando na phrase o substantivo se torna virtualmente adjectivo, a lingua tracta-o como tal, dando-lhe, por vezes, os mesmos graus dos adjectivos: — *isto é muito verdade, não és mais homem do que elle, não és coisissima nenhuma.*

Obs. Muitos substantivos eram frequentemente empregados como adjectivos na v. lingua, como — *mancebo, oceano, bonança*: — Era o descobrimento do Oriente por este nosso mar Oceano (J. B., Dec. I. 268) — Acabada esta batalha os cavalheiros mancebos se despedirão (Palm. I. 185) — Navegamos com tempos bonanças (F. M. P., Per. I, 120).

511. O SUBSTANTIVO desempenha, na phrase portugueza, o mesmo papel que no latim, de *sujeito, objecto, predicado nominal, attributo, apposto, vocativo e complemento.*

Porém, em relação á ultima funcção, foi o seu emprego ampliado em portuguez. Certas idéas que o latim preferia expressar por adjectivos derivados de substantivos, o portuguez prefere expressá-las por substantivos regidos de preposição, p. ex.:

Dies testus = dia de festa, — *pugna cannens* = batalha de Cannes, — *lac asininum* = leite de jumenta.

512. O papel ou a funcção syntactica do substantivo era, na phrase latina, indicado pelas desinencias casuaes; com a perda, porém, dos casos, teve o portuguez de recorrer, para esse fim a outros processos, entre os quaes avulta a *posição* e a *preposição*.

a) O *substantivo-sujeito* revela-se normalmente pela sua *posição* ANTES do predicado, e o *substantivo-objectivo* DEPOIS (o pae ama o filho), salvo quando se pôde recorrer á *preposição a* ou ao *sentido obvio* (ao filho ama o pae, — *emquanto o mar cortava a armada*). (C.).

b) A relação *complementar* do substantivo manifesta-se pela *apposição*, e pela *preposição*, que o rege (*rio Amazonas, cidade do Rio*).

c) A sua relação *predicativa* se denuncia, em regra, pela sua *posição* em seguida ao verbo de ligação (*isto é verdade*)

e sua relação *attributiva*, pela sua *posposição* a outro substantivo (*moço guerreiro*).

d) A sua relação *vocativa* conhece-se ou pela *interjeição* ó, ou por entoação própria (*alegra-te, Sião; vive, ó mocidade, para a gloria da patria*). Na linguagem escripta, a virgula discrimina o vocativo.

513. Em alguns substantivos compostos subsiste ainda o valor relacional dos casos latinos, p. ex.: *terremoto* = *moto de terra* (*terramoto* A. V., e C. Branco); *quartel-mestre* = *mestre de quartel*; *jurisprudencia*, onde o primeiro elemento representa o genitivo latino; *filho-familias*, cujo ultimo elemento é um genitivo lat. archaico; *usufructo, manufactura*, cujo primeiro elemento é um ablativo latino. Em Frei L. de Souza, P.^o A. Vieira e outros encontramos *pae de familias* (*pater familias*, cf. *mater familias*).

Assi o disse no Evangelho por boca do Pay de familias, aos que trabalhavão na vinha (D. Bertolameu dos Mart. l. 9) — Paes de familias... vede o desconcerto (A. V. Obs., S. 3. 303) — Advertimos aos pays de familias (D. de Payva, C. Perf. p. 142) — Se o mandas, irei... onde quer que algum pae de familias se mostre clemente para comigo (A. P. Ruth II, 2).

Tendo os substantivos perdido as flexões casuaes, guardaram, comtudo, as *genericas* e *numericas*, o genero e o numero do latim.

Genero dos substantivos

514. ORIGEM DOS GENEROS GRAMMATICAES. — *Genero* de *genus*, latino significa propriamente *classe*. No latim, como no grego, havia trez *generos* ou trez classes de nomes, que se discriminavam por flexões apropriadas, que eram — o *masculino*, o *feminino* e o *neutro*.

Genero grammatical é, pois, a coordenação das palavras e dos seres que ellas nomeiam, em classe, sob a noção natural do sexo. E como os sexos dos seres vivos são dois, masculino e feminino, dois são igualmente os generos das palavras, que indicam esses seres. As palavras, que nomeiam coisas ou seres *asexuados*, não deveriam ser nem masculinas nem femininas, mas deveriam constituir uma classe á parte ou *genero*